

Audiodescrição para deficientes visuais: acessibilidade e direito à informação**Veryanne Couto Teles***

Resumo: A audiodescrição (AD) é uma forma de tradução no campo da tecnologia que permite a igualdade de acesso aos deficientes visuais no cinema, televisão, teatro, arte, etc. Apesar de estar garantida por lei, essa implementação não ocorre satisfatoriamente no Brasil, por conta disso, é necessário o desenvolvimento de pesquisas para investigar padrões de audiodescrições usadas no país, uma vez que existem muitas considerações a serem feitas na busca de conceitos adequados a este ato tradutório, bem como, no desenvolvimento de padrões estéticos que melhoram e asseguram o a AD como um agente de interação como sócio-cultural e do direito das pessoas com deficiência. Este artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada na Universidade de Brasília entre 2010 e 2012, pelo grupo "Acesso Livre", cujo objetivo foi propor um modelo de AD que atende às necessidades dos deficientes visuais para filmes brasileiros e posteriormente aplicar este modelo ao gênero televisivo (telenovela), considerando para este plano de trabalho, aspectos sintáticos e semânticos característicos e estabelecidos na linguagem melodramática.

Palavras-chave: audiodescrição, tradução, deficientes visuais, aspectos sintáticos e semânticos

* Licenciada em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília (UnB) Mestranda em Estudos da Tradução - UnB - veryanne@gmail.com

INTRODUÇÃO

É inquestionável a importância da AD para a compreensão de obras visuais para às pessoas com deficiência visual, prova disso são as pesquisas acadêmicas desenvolvidas no país acerca do tema. As pesquisas aqui apresentadas surgiram da necessidade observada pela falta de adaptação às diferentes mídias e principalmente a não existência de um modelo de audiodescrição que atendesse as condições e a demanda específica do público brasileiro.

Tomou-se como base os modelos preexistentes (inglês e espanhol) para a proposta de um modelo de roteiro de AD próprio para pessoa com deficiência visual do Brasil. Feito isso, propôs aplicar este modelo à audiodescrição de telenovelas.

É sobre essas pesquisas desenvolvidas entre os anos de 2010 e 2012, pelo grupo “Acesso Livre”, que este artigo se deterá.

Para iniciar essa reflexão, primeiramente faz um breve panorama da audiodescrição no Brasil e no mundo, explicando sobre a técnica, sua história e o desenvolvimento, além de enumerar algumas pesquisas que estão sendo feitas sobre o tema. Depois, para dar maior substância às argumentações, são apresentados também conceitos envolvendo a tradução e a tradução intersemiótica e feita uma apreciação sobre os conceitos de semiótica. Em seguida será descrito o desenvolvimento das pesquisas e das metodologias adotadas e suas implicações. Por fim serão

apresentados os resultados das duas pesquisas, dos quais se podem obter algumas conclusões.

AUDIODESCRIÇÃO: BREVE HISTÓRICO E PESQUISAS

A audiodescrição (AD) é uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que consiste em transformar imagens em palavras, possibilitando às pessoas com deficiência visual (DV) acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão e interação sociocultural dessas pessoas. A tradução é inserida entre os diálogos, visando auxiliar o DV na compreensão da obra, mas não interfere nos efeitos musicais e sonoros. Ela pode ser gravada ou feita ao vivo.

A AD é considerada uma modalidade de tradução audiovisual e se insere na área dos Estudos da Tradução. Segundo Diaz-Cintas (2007):

O termo tradução audiovisual tem sido usado como conceito global que encapsula as diferentes práticas tradutórias que se implementam nos meios audiovisuais na hora de se traduzir uma mensagem de uma língua para outra e em um formato em que haja uma interação semiótica entre o som e as imagens (DIAZ-CINTAS, 2007 *apud* ALVES et al, 2011)

Passou a ser utilizada como técnica profissional a partir dos anos 70. Originou-se nos Estados Unidos a partir das ideias desenvolvidas por Gregory Frazier e pelo trabalho de Margaret Rockwell e Cody Pfanstiehl e já é bastante utilizada em outros país, como no Reino Unido, França, Alemanha, Espanha, Argentina e Japão. Em alguns desses já existem regulamentações que obrigam as emissoras de TV a audiodescreverem seus

programas e filmes: EUA (50 horas por mês); Reino Unido (atualmente 4% da programação, até o final de 2010, 10%).

No Brasil, a audiodescrição foi utilizada em público, pela primeira vez, em 2003, durante o festival temático Assim Vivemos: Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência, Dois anos mais tarde, em 2005, foi lançado em DVD o primeiro filme audiodescrito do país, *Irmãos de Fé*, seguido de *Ensaio sobre a Cegueira em 2008*. Em 2010 foi lançado o Projeto “Cinema Nacional Legendado e Audiodescrito - Versão Videoteca”, do qual será utilizado um dos filmes como corpus desta pesquisa.

A AD ainda não é utilizada no Brasil, apesar de estar prevista pela portaria número 310 de 27/07 de 2006 (Diário Oficial da União de 28/07/2006). Essa portaria complementa o decreto nº 5296 de 2/12/2004 que trata da acessibilidade. Por meio de sucessivos adiamentos (portarias 403, 466 e 661) pelo Ministério das Comunicações, o recurso ainda não está disponibilizado nas televisões abertas brasileiras. O cinema e o teatro também não apresentam sessões acessíveis, nem mesmo museus têm visitas guiadas para cegos.

Apesar de ter sua origem no contexto acadêmico, no Brasil, ainda é pequeno o número de pesquisas feitas a fim de tornar a técnica mais científica, já que, infelizmente não existem parâmetros ou modelos. Mesmo sendo poucos, alguns grupos de trabalhos vem se desenvolvendo no país como o TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição), MIDIACE (Associação Mídia Acessível) e LEAD (Legendagem e Audiodescrição), bem como

projetos desenvolvidos pela professora Eliana Franco, da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Sandra Farias, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Vera Lúcia Santiago, da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Francisco Lima, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Lívia Motta, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ACESSO LIVRE (UnB) coordenado pela professora Soraya Ferreira Alves, vêm contribuindo para o fortalecimento da audiodescrição no país.

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

A pesquisa em AD está incluída dentro dos Estudos de Tradução de acordo com a definição de Jakobson (1995), que reconhece três tipos de tradução: a interlinguística ou tradução propriamente dita, que é a tradução de um texto de língua-fonte para língua-alvo diferentes; a tradução intralinguística ou reformulação, que acontece dentro de uma mesma língua; e a intersemiótica ou transmutação, que seria a tradução de textos de meios semióticos diferentes, do verbal para o visual e vice-versa. Plaza (1987) amplia esse conceito ao definir a tradução intersemiótica como uma operação na qual um texto pertence a um sistema de signos (verbal, sonoro, visual, etc.) é traduzido para outro sistema de signos.

Sendo assim, a AD é uma modalidade de tradução intersemiótica porque transformando imagens em palavras. A inclusão da AD como tradução é de fundamental importância para o seu reconhecimento como trabalho intelectual. O

próprio governo não reconhece esse status quando define a AD como “locução” na Portaria 310:

Áudio-descrição: corresponde a uma locução [grifo nosso], em língua portuguesa, sobreposta ao som original do programa, destinada a descrever imagens, sons, textos e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência visual. (*apud* ARAÚJO, 2010)

Não se pode esquecer também da importância sociocultural da AD, já que ela é um elemento indispensável para que as pessoas com deficiência visual possam têm acesso igualitário à informação, cultura e lazer, compreendendo melhor as obras.

AUDIODESCRIÇÃO PARA DEFICIENTES VISUAIS: POR UM MODELO DE AUDIODESCRIÇÃO BRASILEIRO PARA A MÍDIA

Este projeto visou pesquisar melhores alternativas para a acessibilidade aos meios audiovisuais de deficientes visuais, mais especificamente a audiodescrição. A AD ainda não é utilizada no Brasil. Enquanto essa implantação não acontece, faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que investiguem padrões de audiodescrição para serem usados no país, pois há muitas reflexões a serem feitas na busca por conceitos adequados a este ato tradutório, bem como no desenvolvimento de padrões estéticos que partam do entendimento da audiodescrição como agente de interação sócio-cultural. Esse projeto se dedicou, mais especificamente, à pesquisa com a AD de produções para o cinema. A partir da leitura de bibliografia especializada e da consideração de resultados obtidos em pesquisas desenvolvidas em outras universidades brasileiras (UECE, UFMG,

UFBA), foi constituído um corpus com 6 filmes de curta- metragem de autores brasileiros a fim de se propor padrões de audiodescrição que atendam à comunidade cega. A escolha levou em conta a disponibilidade dos cineastas em cederem os direitos para a tradução por AD do filme e sua exibição para grupos de deficientes visuais, bem como a oportunidade de consultoria com os autores. A pesquisa será feita junto a sujeitos cegos adultos e adolescentes ligados a entidades de assistência ao cego de Brasília, como o Centro de Ensino Especial para o Deficiente Visual CEE e o Clube do Ledor, e terá como base Estudos de Tradução Audiovisual, Semiótica.

Filmes

Fizeram parte da pesquisa quatro filmes brasileiros para os quais se obteve autorização para traduzir por AD e divulgar o trabalho. São eles: *A Ilha e Rua das Tulipas*, ambos realizados pela produtora Ozzi; *Feijão com Arroz*, de Daniela Marinho, *Dona Custódia*, de Adriana Andrade, *Uma vela para Dario* e xxx.

Roteiros (detalhado, sucinto, versão final, elaboração, narração)

Após levantamentos bibliográficos feitos a respeito da audiodescrição, foram tomados como base para a confecção dos roteiros o modelo inglês, em que a audiodescrição é mais detalhada e o modelo espanhol, com uma audiodescrição mais sucinta e centrada na ação, bem como os parâmetros de análise de ADs estabelecidos por Hurtado (2007), a saber:

ELEMENTOS VISUAIS NÃO VERBAIS

- (1) Personagens (apresentação, identificação do ator que interpreta o personagem, atributos físicos, idade, etnia, aspecto, vestuário, expressões faciais e linguagem corporal);
- (2) Estados (emocionais: positivos ou negativos, físicos e mentais);
- (3) Ambientação (localização espacial e temporal, descrição dos ambientes); (4) Ações dos personagens

ELEMENTOS VISUAIS VERBAIS (1) Créditos

- (2) Inserções (de textos, títulos ou legendas)
- (3) Textos (4) Títulos (5) Legendas
- (6) Intertítulos

Para estruturar a confecção dos roteiros das ADs, a metodologia adotada foi a mesma de Bourne & Hurtado (2008) ao analisarem roteiros de AD britânicos e espanhóis observando sua concordância com o *ITC Guidance On Standards for Audio Description* (2000) e a *Norma AENOR - UNE 153020*. No entanto, foram utilizados os mesmos critérios apenas para a realização dos roteiros das ADs, pois todos os roteiros foram avaliados por um aluno deficiente visual voluntário, em conformidade com as recomendações de Snyder (2008), e depois submetidos também a avaliação (entrevista e análise) dos/com alunos deficientes visuais do CEEDV, que são os participantes da pesquisa. A principal questão feita e proposta pela pesquisa era saber qual o modelo de AD (detalhado, ou sucinto), que melhor se adequa às necessidades e dos deficientes visuais brasileiros.

Os critérios utilizados para a elaboração dos modelos de AD de cada filme foram: a quantidade de informação; as escolhas lexicais, tais como verbos, adjetivos e advérbios; bem como características da sintaxe, como tempo verbal.

Todos os elementos verbais dos filmes, como os citados acima, foram respeitados e audiodescritos nesses roteiros, como exigem os dois manuais e estudiosos da área citados anteriormente.

Roteiros detalhados

O *ITC Guidance* sugere que detalhes como o vestuário dos personagens, o ambiente e demais aspectos que compõem a cena devam ser descritos em detalhes quando fazem parte significativamente da trama, caso contrário, não há necessidade de se dar detalhes de forma exaustiva pois isso torna a audiodescrição morosa. Para elucidar alguns aspectos desta pesquisa serão apresentadas as recomendações do *ITC Guidance* juntamente com os comentários e análises feitos por Bourne ao observar roteiros de AD ingleses de 4 longas-metragens e em que medida os roteiros produzidos seguiram estas especificações.

Na análise feita por Bourne (2007), este observa que a tendência dos roteiros de AD britânicos é de dar o máximo de informação possível dentro do tempo disponível, isto é, nos intervalos de falas ou quando não houver ruídos relevantes à compreensão da cena.

Nos roteiros do tipo “detalhado” produzidos nesta pesquisa procurou-se dar o máximo de informação possível sobre: Personagem (atributos físicos, idade, etnia, aspecto, vestuário, expressões faciais e linguagem corporal); Estados (emocionais, positivos ou negativos, físicos e mentais); Ambientação (localização espacial e temporal, descrição dos ambientes), (Hurtado, 2007), uma vez que esses elementos são

considerados extremamente relevantes para a compreensão da narrativa; assim como as ações dos personagens descritas minuciosamente.

Os roteiros foram elaborados seguindo as recomendações dadas pelo *ITC Guidance*. De acordo com o guia, o uso adequado do verbo correto pode fazer toda a diferença em uma

AD, assim, um mesmo verbo não pode ser repetido várias vezes, por exemplo. Além disso, deve-se tomar o cuidado de escolher verbos que indicam uma ação genérica e o modo que se realiza. Por exemplo: verbo *walk* - *march*, *tiptoe*, *lope*, *sidle*, etc.

Analogamente, seguindo as mesmas recomendações, utilizaram-se verbos como: *datilografar* - *escrever*; *jogar* - *atirar*; *observar* - *ver*; *trazer* - *carregar*; *chegar* - *entrar*.

O uso adjetivos descritivos é extremamente crítico para AD, pois, ao mesmo tempo em que facilitam o entendimento do espectador e tornam a cena clara, podem transmitir uma interpretação pessoal do audiodescritor. Em *Dona Custódia*, este foi um recurso bastante utilizado para compreender as mudanças de estado dos personagens, além das mudanças temporais, ambientais e temporais que ocorriam constantemente e se constituíam em peça importante para o desenvolvimento da trama. As cores também são consideradas relevantes, por isso são também incluídas na audiodescrição, já que mesmo um cego de nascença consegue perceber a relação das cores com o estado e condição. Foram utilizados adjetivos que ajudavam a esclarecer a cena como:

quarto sujo; quarto limpo; organizado; bagunçado; máquina velha, cobertor desalinhado; mulher baixa; homem grisalho; colcha colorida; amarelado.

Já os advérbios segundo o *ITC Guidance*, contribuem para que descrição de uma determinada ação se torne mais clara, contudo devem ser usados com cuidado. Foram utilizados alguns advérbios nos roteiros aqui propostos, porém foram usados com cautela para não serem dados como interpretação do tradutor audiodescritor. Exemplo disso temos: *sorridente; repetidamente; negativamente.*

Com relação à sintaxe, o guia britânico faz diversas considerações. Sobre o tempo verbal predominante, recomenda a mistura do *simple present* e do *present perfect* para tornar o texto mais fluido e elegante. Nos roteiros, optou-se pelo uso do presente do indicativo, e orações coordenadas, pois tornam o texto fluido e sem muita complexidade. Como exemplo disso, tem: *Lê o que escreveu, amassa o papel e joga no chão; Apoia a cabeça nas mãos e a balança negativamente; Abre a porta e olha espantado, observa uma mulher baixa.*

Com relação à extensão das frases, esta varia muito de acordo com o tempo permitido para a AD, mas Bourne (2007) fala que, as orações maiores ocorrem no início dos filmes, porque é quando os personagens e cenários são apresentados.

Os roteiros centrados na ação

Segundo a *Norma AENOR UNE 153020*, uma AD deve conter apenas as informações necessárias que expliquem os aspectos visuais relevantes para uma percepção mais completa da obra, para evitar provocar cansaço dos Deficientes Visuais pela saturação ou ausência de informações.

O roteiro deve focar, em primeiro lugar, a trama da ação dramática e, em segundo lugar, os ambientes e informações plásticas contidos na imagem. Na análise feita por Bourne e Hurtado (2007, p.177), é possível observar que tanto na AD britânica quanto na espanhola há uma tendência em descrever as ações e as mudanças de cena, mas há uma sensível diferença na caracterização de personagens e cenário, nas quais a espanhola concentra-se menos.

Os roteiros de AD busca dar apenas as informações que são julgadas pelo tradutor como necessárias para o entendimento da cena, concentrando-nos nas ações dos personagens e algumas especificações do cenário e ou personagens relevantes para a compreensão da narrativa, e nesta mesma forma foi feita com o roteiro do projeto.

Com relação aos verbos, a norma não traz especificações.

No roteiro sucinto deste trabalho foram utilizados verbos que especificam a ação: *ver; observar / trazer;carregar*.

Segundo a Norma, devem-se usar adjetivos concretos, porém evitando os de significado

impreciso. Deve-se, também, evitar qualquer ponto de vista subjetivo.

No roteiro proposto pelos pesquisadores, fez uso de adjetivos que auxiliam na descrição da cena ou na caracterização de personagens importantes para a compreensão da narrativa: *quarto desarrumado; organizado*

Quanto aos advérbios, a Norma UNE não traz especificações.

Foi utilizado advérbios quando julgou-se necessário para especificação das ações: *Ele escreve repetidamente um texto*.

Quanto à complexidade sintática, a Norma sugere que o estilo de escritura do roteiro deve ser fluido, sensível, com frases de construção direta que componham uma frase com sentido próprio, evitando cacofonias, redundâncias e pobreza de recursos idiomáticos básicos.

Em suas análises, Bourne & Hurtado (2007) afirmam que o modelo espanhol prioriza frases curtas, que se aplicam à regra espaço-temporal, ou seja, o uso de palavras que esclarecem a cena como: quando, onde, quem, como e o que de cada situação que se audiodescreva.

No roteiro dos filmes audiodescritos pela pesquisa seguem as mesmas recomendações utilizando principalmente de orações coordenadas.

A extensão das frases varia muito de acordo com o tempo permitido para a AD. Bourne (2007) compara, dizendo que nas AD britânicas usa-se aproximadamente 7.800 palavras na

audiodescrição de um longa-metragem, enquanto usa-se 5.000 palavras na espanhola.

Os roteiros finais (proposta do modelo nacional brasileiro)

Depois de produzir os dois roteiros (detalhado e sucinto) e aplicá-los aos participantes sujeitos desta pesquisa, foi elaborado um modelo que melhor se adéqua as necessidades do público brasileiro. Para que isso acontecesse, foi feito um questionário sobre a audiodescrição, o interesse e entendimento dos participantes com relação aos filmes.

Observou-se que boa parte das pessoas analisadas não compreendeu o enredo do filme *Dona Custódia*, nem no roteiro detalhado, tampouco no roteiro sucinto. Não houve entendimento quanto à relação entre os personagens (patrão → empregada), nem da mudança dos ambientes das cenas (sujo → limpo; organizado → bagunçado) e várias interpretações foram feitas como, Eugênio e Custódia são casados e ele está traindo-a com uma amiga dela. Nem do filme *a Ilha*. Não entenderam que o personagem ficou “ilhado” no canteiro de avenidas movimentadas.

Com o roteiro centrado nas ações muitas vezes ficaram perdidos com tão poucas informações, já no roteiro detalhado as pessoas se confundiram por haver informação em demasia, o que tornou o filme cansativo e comprometeu o entendimento do contexto da obra, apesar de acharem necessário que fossem descritas todas as coisas que faziam parte da história. Outra questão observada foi que, no roteiro sucinto os

participantes não entendiam a mudança de tempo ou espaço. Por conta disso, acredita-se que o melhor modelo para o público brasileiro seja uma mescla dos modelos espanhol e inglês, isto é, um roteiro que explique as ações, mas que fale dos detalhes das cenas (objetos, cores, vestuário) sem deixar a audiodescrição enfadonha.

Foi proposto então nesta pesquisa, um modelo que se adapta ao público alvo, bem como as suas necessidades, a faixa etária, sem se influenciar pelo meio social ou a instrução das pessoas, pois não se pode generalizar todo o público, mas também não se pode restringir o acesso a informação e cultura que vem por meio da AD.

Foram utilizados termos fáceis, adjetivos explicativos e poucos advérbios. O tempo verbal predominante é o presente simples com orações coordenadas. Como exemplo do modelo brasileiro proposto (no filme *Dona Custódia*) pode-se cita: *Homem grisalho, com pijama amassado, pensa e começa a datilografar, enquanto fuma; Abre a porta e olha espantado. Observa uma mulher baixa, de meia idade de cima a baixo. Ela está segurando um jornal na parte de classificados.*

Termos como: *Agora o quarto do homem está organizado e limpo; Percebe-se agora que a mulher é empregada doméstica, pois está vestindo avental e lenço na cabeça; Em um outro dia;* foram acrescentados ao roteiro final, com o intuito de facilitar o entendimento dos espectadores, que na maioria das vezes não compreendiam as mudanças de cenas, já que, esses termos explicam ou explicitam os aspectos modo espaço temporal.

A partir da pesquisa (coleta e análise de dados), correlacionada a experiência empírica, bem como com fundamentação teórica feita pelos pesquisadores, foram elaboradas algumas sugestões de regras a serem seguidas no modelo brasileiro para roteiros de audiodescrição. São elas:

- **Observação:** Um audiodescritor é um observador ativo, que deve ter consciência da importância do seu trabalho. É importante aprimorar seu letramento visual, olhar o mundo com maior acuidade a fim de compartilhar o que há nas imagens
- **Edição:** o audiodescritor edita o que vê, ou seja, seleciona o que é mais importante para a compreensão e apreciação de um evento.
- A audiodescrição deve primeiro eleger os elementos essenciais da cena ou imagem; depois, as informações secundárias, sem prejuízo da mensagem central. Contudo, não deve deixar de oferecer os demais elementos sempre que o tempo permitir ou, quando necessário, antes ou intervalo da apresentação, isto é, parte do geral para o específico.
- **Linguagem:** deve ser objetiva, simples, sucinta, porém vívida e imaginativa, ou seja, o léxico deve ser variado. Deve traduzir a imagem com objetividade, fidelidade, fidedignidade, sempre transmitindo o conteúdo sem a censurar ou editoriar.
- **Evitar interpretações:** não deve emitir juízo de valor em relação ao conteúdo da obra, interpretar, emitir opinião, sons, entoações, expressões de aprovação ou desaprovação ao conteúdo áudio-descrito, o espectador é quem faz suas próprias inferências baseadas em descrições objetivas.

ELEMENTOS VISUAIS NÃO VERBAIS

- **Personagens:** atributos físicos, idade, etnia, vestuário, expressões faciais e linguagem corporal: são descritos à medida que corroborem para a composição do personagem e da cena.
- Não é preciso se deter na descrição detalhada do vestuário de todos os personagens em todas as cenas, pois o excesso de

informação torna a audiodescrição cansativa e tira o foco do ponto principal.

- **Estados emocionais:** Descrever os elementos que levam o espectador a inferir o estado emocional dos personagens, e não interpretar o sentimento em si.

Ex: Não dizer “Ela está triste”, mas “Ela leva as mãos ao rosto e chora”.

- Deve-se evitar ambiguidades, obscuridades, pois descrever um gesto ou uma expressão facial nem sempre leva ao seu entendimento, às vezes a descrição pura pode se perder no vazio.

- Informações adicionais podem reduzir ou evitar confusões.

- Não interpretar sentimentos ou cenas, apenas dar informações mais precisas quando necessário.

- **Ambientação:** localização espacial e temporal, descrição dos ambientes.

Descrever os elementos importantes para caracterização dos ambientes de acordo com sua importância para a compreensão da obra. Por exemplo, descrever em detalhes um ambiente que o personagem entra, fica poucos instantes, sai e não volta mais, não é relevante, e sua descrição excessiva pode causar desconcentração na cena, foco principal.

- Informações em demasia tornam a descrição cansativa e prejudicam o entendimento do contexto geral da obra.

- É necessário localizar sempre os ambientes, dizer que o personagem volta a um determinado ambiente em que já esteve; deixar claro caso um mesmo ambiente tenha sofrido mudanças e descrever quais.

- É importante também dar a noção de tempo, quanto tempo se passou entre as ações, se for explicitado, se é dia ou noite, se é outro dia, ou mesmo se volta-se a uma cena anterior sob outra perspectiva.

- Os adjetivos descritivos são muito importantes na AD, pois tornam a cena clara para o espectador, mas não devem refletir a interpretação pessoal do audiodescritor. Também recomenda-se que as cores sejam descritas.

- Os advérbios ajudam na descrição de uma ação, tornando-a mais clara e aproximada possível, mas devem ser usados cuidadosamente, a fim de se evitar interpretações.
- Ações: Usar palavras específicas para provocar uma imagem mental precisa e dinâmica, que indiquem a maneira de realização das ações ex: pular, saltar, saltitar...
- O uso do presente do indicativo é recomendado, pois torna o texto fluido e expressa o fato no momento em que acontece.
- Quanto à complexidade sintática, recomenda-se o uso de orações coordenadas, sem muita complexidade.
- Observar as regras textuais de coesão e coerência, respeitando o gênero, a linguagem, o ritmo e a locução da obra

Para audiodescrever os elementos visuais verbais (créditos, textos, títulos, legendas, intertítulos) sugere-se a leitura em momento que não se sobreponha à audiodescrição de cenas, o que pode ser feito de forma corrida logo no início, ou então deixá-los todos para o final se forem exibidos concomitantemente às imagens iniciais dos filmes.

- Não deve se sobrepor aos diálogos ou a sons importantes para a compreensão do enredo.
- A narração da AD deve levar em consideração a categoria do filme, deve ser fluida, sendo neutra na maioria dos casos. (Pois a entonação pode destoar da ação ou objetivo da cena, mas também pode contribuir para o significado do filme)
- Siglas podem ser explicadas quando aparecem, se der tempo, e se forem repetidas ou importantes para a compreensão do enredo.
- Cabe ao audiodescritor a decisão de antecipar ou não a descrição de determinadas ações e sua importância de acordo com a importância das cenas para o enredo do filme.
- Não se deve descrever o óbvio, como o som de um telefone tocando, o latido de um cachorro, porém, certos sons ou efeitos sonoros se referem a certas ações mais complexas, que, sem a descrição, ficam incompreendidos. Deve-

se também deixar perceptíveis os sons e músicas relevantes para a trama, isto é, não deixar a AD sobrepor a sons importantes.

- Evitar o uso de terminologia fílmica. (como: a câmera se movimenta lentamente, ocorreu um zoom no rosto do personagem)

Elaboração dos roteiros

A elaboração dos roteiros foi feita com o software *Subtitle Workshop* (SW). Apesar de ser um programa de legendagem o SW foi utilizado porque permite a marcação do tempo de entrada e saída da audiodescrição, assim como a duração dessas inserções e a visualização do filme, o que auxilia na gravação. Apesar de ser um programa de legendagem o SW foi utilizado, pois permite a marcação do tempo de entrada e saída da audiodescrição, assim como a duração dessas inserções e a visualização do filme, o que auxilia na gravação. A AD se difere da legendagem, já que, é feita entre as falas e não simultaneamente a elas.

Os roteiros também podem ser gravados no modo “Bloco de Notas” com os tempos de início e término de cada fala, no entanto, deve ser levada em consideração, antes de qualquer criação, a observação minuciosa dos filmes a serem analisados, bem como a regra e a formatação do modelo que se deseja seguir.

A pesquisa de recepção foi realizada no Centro de Educação Especial de Brasília - CEEDV, instituição pública que insere o aluno cego, ou de baixa visão, na rede regular de ensino e no mercado de trabalho.

Foram realizados dois encontros com os participantes, e a cada encontro foram exibidos dois filmes.

No primeiro encontro, participaram das pesquisas 10 deficientes visuais que cursam o programa de reabilitação ou de educação de adultos.

Dos 10 participantes, 5 eram homens e 5 mulheres, com idade variando entre 28 e 55 anos e o grau de escolaridade do fundamental ao ensino superior. 5 participantes tinham cegueira adquirida na idade adulta, dos quais 3 têm percepção de luz. Os outros 5 tinham cegueira congênita ou adquirida na infância, ou seja, com muito pouca ou nenhuma memória visual (apenas um deles disse ter memória de cores e um outro, percepção de luz).

No segundo encontro, participaram da pesquisa 8 cegos voluntários que cursam o programa de reabilitação ou de educação de adultos.

Dos 8 participantes, 4 eram homens e 4 mulheres, com idade variando entre 22 e 54 anos e o grau de escolaridade do fundamental ao ensino superior. 4 participantes tinham cegueira adquirida na idade adulta. Os outros 3, cegueira congênita e 1 adquirida na infância (3 anos), ou seja, com muito pouca ou nenhuma memória visual.

Foram confeccionados três tipos de questionários. O questionário pré-coleta que, além de recolher informações pessoais dos participantes - como sexo, idade, grau de cegueira, se esta é congênita ou adquirida e escolaridade -, também perguntava sobre o conhecimento deles sobre audiodescrição

e a frequência de sua exposição à mídia audiovisual.

O segundo tipo referia-se à compreensão dos filmes. Foram feitas perguntas sobre o enredo, os personagens e os ambientes após a exibição dos filmes com AD detalhada ou sucinta. Esse procedimento nos permitiria verificar qual modelo proporcionaria melhor compreensão do filme.

Por último, foi confeccionado questionário pós-coleta para que os deficientes visuais pudessem opinar sobre os modelos de AD, o que era importante ou não ser audiodescrito (segundo-se os parâmetros de Hurtado (2007), como referidos acima) e a preferência por um modelo ou outro, além de sugestões.

Cada um dos participantes foi entrevistado por um membro do grupo de pesquisa, que anotou suas respostas. Os participantes foram divididos em dois grupos: Grupo 1 : participantes com cegueira adquirida na idade adulta. Grupo 2: com cegueira congênita ou adquirida na infância. Enquanto um grupo assistia à versão detalhada de um dos filmes em uma sala, o outro via a versão centrada nas ações em outra. O mesmo ocorreu, porém de maneira inversa, com o outro filme.

Após a análise dos resultados obtidos nos dois encontros, pode-se dizer que dados relevantes puderam ser coletados. Os participantes, em geral, acharam que a AD ajudou em sua compreensão do filme, apesar de nem todos terem compreendido o enredo total de todos os filmes. A preferência por um tipo ou outro empatou. Mas,

podemos observar que a AD muito detalhada acabou por causar confusões.

Acredita-se, então, que um meio termo entre os dois modelos é o melhor modelo de roteiro de AD para as pessoas com deficiência visual no Brasil, pois, apesar de apresentarem melhores resultados de compreensão ao assistirem ao filme com AD centrada nas ações, afirmam a importância da descrição de elementos como características dos personagens, dos ambientes e do tempo. No geral, afirmam querer saber os detalhes das imagens.

AUDIODESCRIÇÃO PARA A TELEVISÃO: DIFERENTES MODELOS PARA DIFERENTES GÊNEROS?

Esta pesquisa teve por objetivo elaborar roteiros e fichas de Audiodescrição para o gênero das telenovelas brasileiras, dando continuidade à pesquisa “AUDIODESCRIÇÃO PARA DEFICIENTES VISUAIS: POR UM MODELO DE AUDIODESCRIÇÃO BRASILEIRO PARA A MÍDIA”, realizada no período de 2010/2011, a qual propôs um modelo de Audiodescrição específico para o público brasileiro que tem deficiência visual. O *corpus* deste trabalho foi a telenovela *A vida da gente*, exibida na Rede Globo de Televisão, entre setembro de 2011 e março de 2012, às 18h, em 137 capítulos, dos quais foram utilizados os seis primeiros. Quanto ao processo de confecção dos roteiros das Audiodescrições (que foram feitos de acordo com o modelo proposto), os resultados foram influenciados pelas diferenças causadas pelo gênero melodramático das telenovelas, com

relação aos roteiros de filmes curtas metragens do projeto anterior.

Importância da A.D. nas Telenovelas

A televisão brasileira está muito atrasada, em relação a vários países na questão da implementação da AD.

Especialmente no Brasil, as telenovelas são uma forma importante de entretenimento da população em geral. É inegável sua influência no cotidiano das pessoas, de forma que, é um elemento relevante para interação social-cultural. E o desenvolvimento de técnicas adequadas para AD para telenovela vai permitir que pessoas com deficiência visual tenham a possibilidade de se inserir neste meio, não só de entretenimento, mas de educação.

Um fator importante que diferencia a telenovela do filme é o fato de ela ser apresentada de maneira sequencial, através de capítulos de aproximadamente 40 minutos cada. Sendo assim, tivemos que dedicar uma atenção especial a esta sequência, a fim de não antecipar informações, pois de acordo com o modelo proposto, “O espectador é quem faz suas próprias inferências, baseadas em descrições objetivas”.

As telenovelas brasileiras se baseiam nos melodramas, porém se diferenciam pelo fato de abordarem questões do cotidiano brasileiro, situações que estão sendo discutidas na atualidade. Ao contrário do que ocorre em outras telenovelas, que são basicamente criadas em torno de romances, elas têm mais profundidade com relação aos temas sociais do país, que são

frequentemente inseridos nos capítulos das telenovelas.

Além disso, a relação da telenovela com o povo brasileiro é tão profunda e influente, que seu desenvolvimento está diretamente relacionado à opinião da sociedade, o rumo que ela toma segue a “vontade popular”.

Os temas abordados nas telenovelas tornam-se assuntos que são discutidos diariamente pelas pessoas, e fazem com que temas de importância social, que são abordadas no contexto da trama, passem a receber mais atenção e mobilizem a população, é o chamado *merchandising social*. Apesar de ainda sofrerem preconceito nos dias de hoje, por serem consideradas uma forma de alienação, as telenovelas tem um papel significativo no país e passaram a ocupar um espaço essencial na vida de muitas pessoas, além de serem um meio de inserção social, por serem extensivamente discutidas de várias formas, estabelecerem padrões e mobilizarem questões diversas. Por isso a importância da AD nas telenovelas.

O *corpus* desta pesquisa foi a telenovela *A vida da gente*, exibida na Rede Globo de Televisão, entre setembro de 2011 e março de 2012, às 18h, em 137 capítulos. Para a confecção dos roteiros, primeiramente os membros do grupo fizeram a leitura de bibliografia especializada, e em seguida dividiram-se em duplas para criar os roteiros dos seis primeiros capítulos da telenovela, que tinham aproximadamente 40 minutos cada. Todos os capítulos foram analisados em conjunto, tendo o auxílio do bolsista com deficiência visual, de

acordo com o que foi estabelecido por Snyder (2005). Além dos roteiros, também foram confeccionadas propostas de modelos de fichas para a AD dos personagens, ambientes e vinheta da telenovela, que futuramente poderão ser acessadas por meio da TV Digital.

O programa utilizado para a elaboração e gravação dos roteiros foi o *Subtitle Workshop 4.0 Beta*, que é o modelo mais recente do mesmo programa utilizado no projeto anterior, *Subtitle Workshop (SW)*.

As fichas propostas têm descrições dos personagens, ambientes e vinheta, foram criadas como uma proposta à ser implementada na TV Digital.

Na ficha dos personagens há uma descrição detalhada sobre os aspectos físicos (cabelos, cor da pele e olhos, altura, etc.) de cada um dos personagens principais e secundários (com o nome dos atores), que apareceram no decorrer dos seis primeiros capítulos, e o tipo de roupas e acessórios que eles costumam utilizar - enfatizando os tons de cores mais frequentes. Já na ficha dos ambientes, foram descritos os locais onde ocorreram a maioria das cenas da telenovela.

Nesta segunda pesquisa observou-se que não é possível seguir o modelo proposto na primeira pesquisa, tendo em vista o gênero televisivo e a linguagem melodramática utilizada

A etapa seguinte da pesquisa, que ainda não foi realizada, constitui em aplicar outros questionários a voluntários com deficiência visual.

Estes questionários serão disponibilizados na internet.

CONCLUSÃO

Acreditamos que esta pesquisa seja de grande valia tanto para a difusão da audiodescrição no Brasil, facilitando assim aos deficientes visuais o acesso à cultura, à informação e à comunicação, bem como para que esta seja praticada de forma eficiente. Assim, a preocupação de pesquisas como estas é também com a formação de audiodescritores, bem como para fortalecer a importância da academia neste processo. E este tipo de pesquisa pode ajudar a dar o rumo para tal.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Soraya Ferreira; TELES, Veryanne Couto; PEREIRA, Tomás Verdi. Propostas para um modelo brasileiro de audiodescrição para deficientes visuais. Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores. Nº 22, ano 2011, 9-29
- ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. A formação de audiodescritores no Ceará e em Minas Gerais: Uma proposta baseada em pesquisa acadêmica. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Mello e FILHO, Paulo Romeu. Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. São Paulo, 2010, 93-115.
- BENECKE, B. Audio-description. In: Gambier, Y. (ed.) Meta. Volume 49, no. 1, abril de 2004, 78-80.
- DINIZ, Thaís F. N. Apresentação. Cadernos de Tradução. Florianópolis, v.1, n.7, p.9-
17. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5742/5376>. Acesso em: 25 de setembro de 2012.
- BOURNE, Julian. El impacto de las Directrices ITC en el estilo de cuatro guiones AD en ingles. In: HURTADO, Catalina Jiménez (ed). Traducción y accesibilidad. Frankfurt: Peter Lang, 2007. 179-198.
- BOURNE, Julian; JIMÉNEZ HURTADO, Catalina. From the visual to the verbal in two languages: a contrastive analysis of the audio description of *The Hours* in English and Spanish. . In: CINTAS, Jorge Díaz. (ed.) The didactics of audiovisual translation. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008, 175-187
- DIAZ-CINTAS, Jorge. Por uma preparação de qualidade em accesibilidad audiovisual. TRANS-Revista de Traductologia. Universidad de Málaga, n.II. Departamento de Traducción y Interpretación. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga, 2007, 45-99.